

A PARTICIPAÇÃO DA IRMÃ MATHILDE NINA NA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA ABEn

THE PARTICIPATION OF SISTER MATHILDE NINA IN THE HISTORICAL CONSTRUCTION OF THE BRAZILIAN ASSOCIATION OF NURSING (ABEn)

LA PARTICIPACIÓN DE LA HERMANA MATHILDE NINA EN LA CONSTRUCCIÓN HISTÓRICA DE LA ABEn

Maria Regina Marques Bezerra¹

RESUMO: Estudo de cunho histórico-social, cujo objeto é a participação da Irmã Mathilde Nina no processo histórico da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), como representante da Companhia das Filhas da Caridade. Objetivo: discutir o advento da inserção dessa Irmã na Associação Brasileira de Enfermagem como uma forma de difusão da influência católica. Recorte temporal: 1939 a 1950. Fontes primárias: documentos escritos e depoimento de pessoas que tenham convivido com Mathilde Nina. O método é dialético, e a discussão dos achados fundamenta-se no pensamento de Pierre Bourdieu. As Irmãs da Caridade fizeram, no Brasil, um movimento de inserção na educação formal. Tal evento foi consequência do Decreto 20.109/31. Como primeira representante da Companhia a se diplomar, a Irmã Nina possuía um capital que a legitimava nas várias instâncias da enfermagem; sua inserção na ABEn é mais uma das formas de difusão da ideologia católica.

PALAVRAS-CHAVE: ensino religioso, história da enfermagem, ensino de enfermagem, ABEn

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Trata-se de um estudo de cunho histórico social cujo objeto é a participação da Irmã Mathilde Nina no processo histórico da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), como representante da Companhia das Filhas da Caridade. Seu objetivo é discutir o advento da inserção dessa Irmã na Associação Brasileira de Enfermagem como uma forma de difusão da influência católica.

A motivação para realizar este trabalho é consequência de um longo processo de convivência acadêmica no espaço social da Faculdade de Enfermagem Luiza de Marillac (FELM). Esse processo diz respeito a um contato iniciado em 1983, quando era aluna de graduação e fiz amizade com a Irmã Ercília de Jesus Bendine. Foi através dela que obtive as primeiras informações a respeito da Companhia. Ao ser convidada para trabalhar na FELM, em 1986, passei a conviver no *locus* histórico onde as Irmãs puderam consolidar a sua inserção na educação formal.

Nesse sentido, um dos resultados concretos deste artigo é fornecer informações a respeito do pioneirismo da Irmã Mathilde Nina que, além de ter sido a primeira religiosa a se inserir na educação formal em enfermagem no Brasil, foi a primeira a fazer parte da Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas (ABED).

A realização deste trabalho me parece oportuna, também, por permitir conhecer melhor essa mulher que viveu em um momento político-social em que as Irmãs da Companhia das Filhas da Caridade, que prestavam assistência hospitalar desde o século XIX no Brasil, perderam

¹ Professora Auxiliar da Faculdade de Enfermagem Luiza de Marillac, mestranda da EEAN/UFRJ, membro do Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira/EEAN/UFRJ (Nuphebras).

esse direito, por força de lei. Ou seja, a publicação do Decreto nº 20.109/31, entre outras providências, passou a regular o exercício de enfermagem no Brasil, obrigando àqueles que atuavam ou desejassem atuar profissionalmente em espaços hospitalares a obter a formação acadêmica.

Sabe-se que a década de 30 é conhecida, também, como um momento de retomada da aliança entre o Estado e a Igreja. É nesse contexto que Getúlio Vargas assina, em 10 de março de 1932, o decreto nº 21.141, “conferindo às Irmãs da Caridade direitos iguais aos das enfermeiras “padrão Ana Neri” (*Baptista, Barreira, 1997, p. 35*).

A despeito do Decreto baixado pelo Presidente da República, Mathilde Nina, desejando se empenhar na criação de uma instituição capaz de oferecer às Irmãs e católicas uma formação que aliasse a construção do conhecimento científico de Enfermagem aos hábitos religiosos, buscou cumprir a exigência do referido decreto.

Para dar conta de examinar o objeto de estudo, optei por uma abordagem de cunho histórico-social e utilizei o método dialético, que possibilita a instrumentalização do pesquisador no sentido de fazê-lo ver “que o objeto das ciências é complexo, contraditório, inacabado, e em permanente transformação” (*Minayo, 1993, p. 22*).

O recorte temporal compreende o período de 1939 a 1950. O marco inicial é a participação da Irmã Mathilde Nina, pela primeira vez, na Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas e o marco final corresponde à sua última atuação na Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn).

São consideradas fontes primárias neste artigo documentos pertencentes ao Arquivo da Companhia das Filhas da Caridade, da Faculdade de Enfermagem Luiza de Marillac, do Acervo da Escola de Enfermagem da UFMG e depoimentos de duas Irmãs que viveram nesse período.

As Irmãs entrevistadas conviveram com Mathilde Nina e presenciaram sua trajetória como enfermeira atuante em diversas atividades ligadas à classe.

Para poder realizar a coleta de dados, pautei-me na técnica de entrevista semi-estruturada; forma de levantamento de dados que possibilita ao entrevistador fazer as *necessárias adaptações*. As entrevistas foram gravadas e, em seguida, transcritas (*Lüdke, André, 1986, p. 34*).

Buscando uma melhor análise das fontes primárias selecionadas até o momento, relacionei-as com as fontes secundárias, o que possibilitou o entendimento dos diversos contextos engendrados na história. No que diz respeito às fontes secundárias, a literatura selecionada engloba as áreas da história da enfermagem, da educação e religião no país e da trajetória da ABEn.

Buscando entender a relação das religiosas com a construção histórica da ABEn, e as diversas situações envolvidas nesse processo, pautei o meu estudo no pensamento de Pierre Bourdieu.

AATUAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO SÃO VICENTE DE PAULO NO BRASIL

Após o surgimento e a estruturação da Associação São Vicente de Paulo (ASVP), na França, no século XVII, a forma de assistência aos doentes pobres sofreu grandes modificações, e os desvalidos, que antes não tinham a quem recorrer para receber atendimento, passaram a ter um modelo de hospital e assistência.

Esse modelo de trabalho se difundiu aos poucos pelo mundo, até que, no século XVIII, ou seja, em 1819, vieram para o Brasil os primeiros padres provenientes da *Província Portuguesa* (*Castro, 1936, p. 418*).

Os conflitos existentes na Europa, decorrentes da Revolução Francesa, limitaram demasiadamente a ação dos religiosos dessa Ordem. A Associação encontrou “então na vinda para o Brasil uma solução para esse problema”. Essa solução foi despertada pela “idéia da ‘missão’”, com vistas à continuidade do exercício das atividades para a qual foram ordenados (*Nunes, 1997, p. 492*).

Em 17 de novembro de 1852, o Imperador vigente, Dom Pedro II, solicita ao diretor dos missionários, Padre Viçoso, através do Ministro de Estado, a fundação da Santa Casa de Misericórdia. Com esse intento, são enviadas trinta Irmãs da Casa Mãe da Companhia das Filhas da Caridade, localizada em Paris, para o Rio de Janeiro. O hospital já era administrado por pessoal servente; com a chegada das Irmãs, a ação assistencial e administrativa do serviço hospitalar logo foi sentida pela comunidade, conforme registra *Castro* (1936, p. 424).

Até 1933, as Irmãs já haviam aberto 67 casas para a prestação de assistência a enfermos. Somente em 05 de setembro de 1939 foi criado o primeiro centro de formação de enfermeiras religiosas no Brasil, que recebeu o nome de Escola de Enfermeiras Luiza de Marillac, equiparado à escola padrão pelo Decreto nº 9100, de 24 de março de 1942, assinado por Getúlio Vargas e por Gustavo Capanema, Ministro da Educação e Saúde Pública. Esta foi uma conquista da Companhia, tendo na figura de Mathilde Nina sua maior representante, levando-se em conta que foi seu trabalho que propiciou a difusão e a consolidação das Irmãs da Caridade diplomadas nos espaços educacionais e hospitalares.

A MULHER MATHILDE NINA

Com a criação da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras do Hospício Nacional de Alienados, em 1890, a Cruz Vermelha, em 1916, e a Escola de Enfermagem Anna Nery, em 1922, o cenário da formação dos prestadores de assistência se modifica. Sendo laicas, tais instituições se afastavam, em muito, do modelo considerado necessário à formação das Irmãs da Caridade. Além disso, inexistia uma legislação que oficializasse e organizasse a prática de enfermagem, o que possibilitava a permanência das Irmãs no trabalho hospitalar como enfermeiras, mesmo sem titulação formal (Baptista; Barreira, 1997, p. 29-30). Isso, porém, será modificado pois

“(...) por força do Decreto nº 20.109, de 15 de julho de 1931, que passou a regular o exercício da enfermagem no país e deu outras providências. Dentre estas, reconheceu a Escola de Enfermagem Anna Nery como oficial padrão para efeito de criação e reconhecimento de outras escolas de enfermagem brasileira e a partir desse momento ficou determinado que só poderia exercer a profissão quem obtivesse a titulação formal de enfermagem” (*Bezerra, Baptista*, 2001, p. 7 – artigo em fase de publicação).

A partir desse momento, a Companhia das Filhas da Caridade, pertencente a ASVP, busca meios para se inserir na educação formal. Para tanto, procura aquela que melhor representaria os anseios da comunidade religiosa. Segundo Irmã Fiusa² (depoente nº 2): “Há necessidade [de as Irmãs se manterem no ambiente hospitalar], porque o motivo religioso era muito maior que as leis, da situação de tradição, era uma segurança para o Estado. Estamos na assistência desde que eu me entendo por gente, desde o século XVII, e no Brasil desde o século XIX. Sempre foi a gente que prestou assistência”.

Quem seria a Irmã mais indicada nessa situação?

Em 25 de outubro de 1899, nasce na cidade de São Luiz do Maranhão Edmar Arlie Nina, filha de Almir Nina, médico, e de Maria Arlie Parga. (Arquivo da Companhia das Filhas da Caridade). Na vida familiar, recebeu a primeira formação religiosa, *habitus*-espécie de conhecimento adquirido, uma disposição incorporada na relação familiar e social (*Bourdieu*, 1989) - que se misturava com a visão que tinha da atuação do pai na assistência. Estudou e diplomou-se como normalista. Em depoimento concedido com fins de pesquisa, a Irmã Fiusa (depoente nº 2) comenta que Nina foi sua professora, na escola primária Imaculada da Conceição, em Fortaleza, pertencente

² Depoimento concedido em 17/08/2000.

à Companhia das Filhas da Caridade. Mais tarde, tornaram-se colegas de postulante, de 15 de junho de 1922 e 7 de abril de 1923, em São João Del Rei. Em 27 de junho de 1927, após o noviciado, retorna à Fortaleza, para receber os votos.

Com sua entrada na vida religiosa, através da aquisição dos votos, quando tinha vinte e oito anos, Edmar Arlie Nina passou a chamar-se Mathilde Nina. O capital cultural por ela acumulado anteriormente deu-lhe condições para atuar intensamente, religiosa e politicamente, na nova posição que ocupava. Assim chegou a ser uma das principais mentoras da introdução da formação acadêmica destinada ao grupo católico no Rio de Janeiro. Sua ação nesse sentido possibilitou a permanência das Irmãs da Caridade nos espaços hospitalares por elas administrados, onde prestavam assistência aos doentes.

A criação da Escola de Enfermagem Carlos Chagas, em 1933, nas dependências do Hospital São Vicente de Paulo ofereceu as condições para que as primeiras Irmãs pudessem se formar, pois permitiu aliar a vida religiosa à acadêmica, além de ter, na direção Laís Netto dos Reys, *católica convicta*, formada na primeira turma da Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN), considerada padrão à época (*Teixeira et al.*, 1998, p. 53). Fez parte da primeira turma da nova instituição, a pioneira Irmã Mathilde Nina, formada em 1936. Em 1938, outras duas Irmãs da Companhia se formariam na mesma Escola, Lídia de Paiva Luna e Catarina Cândido Fiúza, que mais tarde participariam da criação da primeira escola católica de nível superior no Rio de Janeiro, com a Irmã Nina.

A partir desse momento, essas religiosas começam sua caminhada na enfermagem, marcando profundamente a presença da Companhia das Filhas da Caridade no cenário da enfermagem nacional.

Além da Carlos Chagas, que atende à ideologia católica, são criadas no Brasil duas escolas católicas de enfermagem. A primeira foi a “Escola de Enfermeiras do Hospital de São Paulo/SP (1938), dirigida pelas Franciscanas Missionárias de Maria, e a segunda foi a Escola Luiza de Marillac/DF (1939)” (*Baptista, Barreira*, 1997, p. 36). A criação desta última foi conseqüência da conquista do capital cultural adquirido pela Irmã Mathilde Nina, pois, uma vez formada, acabou por “responder aos anseios da Associação e iniciou o processo de criação, no Rio de Janeiro, de uma escola de enfermagem que [aliou] a formação acadêmico-científica aos ‘habitats’ religiosos” (*Bezerra, Baptista*, 2001, p. 7 - artigo em fase de publicação).

Esse evento colocou no cenário nacional as religiosas enfermeiras com formação acadêmica, capazes de atuar na nova profissão, difundindo a doutrina católica.

Para que a atuação da Igreja fosse de fato marcante, os religiosos, ou seja, as irmãs enfermeiras, como suas representantes legítimas, buscaram penetrar em todas as esferas e irradiar a influência católica.

MATHILDE NINA E SUA ATUAÇÃO NA TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA ABEN

As diplomadas da primeira turma da EEAN, em 1925, tiveram o desejo de formar uma associação que oferecesse às ex-alunas uma maneira de promover intercâmbio cultural. Essa iniciativa só será possível, no entanto, com a renovação do contrato de Ethel Parsons³, em 1926, que propiciou, juntamente com Edith Magalhães Fraenkel, condições para a retomada dessa discussão, propondo a organização de uma associação **com o objetivo mais amplo, que permitisse admitir em seus quadros enfermeiras formadas em outras escolas**. Esse desejo, que tem origem em uma reunião da Associação do Governo Interno das Alunas, em 06/

³ *Enfermeira norte-americana enviada ao Brasil, em 1921, pela Fundação Rockefeller, com a Missão Técnica de Cooperação para o Desenvolvimento da Enfermagem. Após ajudar na implantação do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), atuou no processo de criação de uma escola voltada para a formação de enfermeiras pautado no sistema Nathingeliano* (Carvalho, 1976, p. 21).

08/1926, propicia a criação da Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas (ABED) (*Carvalho*, 1976, p. 22). Ainda essa autora relata que uma vez aprovada a idéia, foi formada imediatamente uma diretoria provisória, que durou apenas um ano. Essa comissão providenciou o primeiro estatuto, aprovado em reunião de 12/08/1926. Dessa forma foi fundada a Associação.

Em 03/11/1938 foi eleita para presidente da ABED Hilda Anna Krisch, cargo que deveria ocupar até 26/09/1941, o que deixa de ocorrer por ter se licenciado no período de 15/09/1939 a 15/03/1940. Nesse ínterim, assume o seu cargo a vice-presidente Edméia Cabral Velho, que indica a Irmã Nina para ser membro honorário da ABED. O convite nessa categoria ocorreu porque só poderia se tornar sócio efetivo quem tivesse o diploma reconhecido, documento que Mathilde Nina não tinha, pois a Escola de Enfermagem Carlos Chagas estava ainda em processo de equiparação⁴.

Em 23/07/1948, ocorre outra eleição para compor a comissão que iria dar continuidade aos trabalhos da ABED. Após as eleições, toma posse a enfermeira Edith Magalhães Fraenkel, de cuja equipe faz parte a Irmã Mathilde Nina, assumindo cargo de Conselheira Fiscal (*Carvalho*, 1976, p. 51).

A gestão, que terminaria em 08/12/1950, apresenta uma modificação na composição da comissão administrativa e, em 02/12/49, a Irmã Nina se torna vice-presidente. Durante a gestão dessa equipe, podem ser destacados alguns acontecimentos importantes:

- pela primeira vez, é registrada, em ata, a posse de uma diretoria;
- realiza-se uma reunião em São Paulo para formar a Federação Internacional de Enfermagem;
- a diretoria trabalha para a provação da lei nº 775/49 (*Carvalho*, 1976, p. 52).

Segundo a (depoente nº1) Ir. Cecília⁵, a Irmã Mathilde Nina foi uma “grande empreendedora”.

Em 08/12/1950, ocorrem novas eleições para a próxima diretoria da ABED, quando Waleska Paixão, católica, que foi a segunda diretora da Escola de Enfermagem Carlos Chagas, é eleita presidente. Nessa gestão, a Irmã Nina ocupa o cargo de vice-presidente, que seria exercido até 26/07/1952; em 17/11/1951, porém, há substituição de membros da equipe, e a enfermeira Maria Rosa S. Pinheiro assume a vice-presidência da Associação, em lugar de Mathilde Nina (*Carvalho*, 1976, p. 52).

Nesse período, Mathilde Nina é transferida da Escola de Enfermagem Luiza de Marillac para a Escola de Enfermagem de Goiânia, seguindo ordens superiores. No Arquivo da Companhia das Filhas da Caridade, há registro de que partiu para Goiânia em 1952, deixando de exercer então a direção da Escola no Rio de Janeiro.

As atividades desenvolvidas durante a gestão de Waleska Paixão, para aprovar a Lei nº 775/49, se concretizam. Entre outros itens, essa lei regulamenta a situação dos profissionais de nível médio no país. Esse evento acaba por influenciar a modificação da nomenclatura Associação e sua composição; esta passa a denominar-se Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn). Tais modificações ocorrem para que a entidade possa se ajustar à nova realidade, passando a receber como sócios os profissionais de nível médio. (*Carvalho*, 1976, p. 54)

A ABEn E AS ENTIDADES RELIGIOSAS

Em 1955, um grupo de enfermeiras religiosas, sócias da ABEn, sugere a filiação da entidade ao Comitê Internacional Católico de Enfermeiras e Assistência Médico-Sociais

⁴ Sua equiparação ocorreu em 24/03/1942, data em que o Presidente Getúlio Vargas assinou o Decreto nº 9.102, tornando essa instituição “Padrão Anna Nery”. Em 28/02/1968, passou a se denominar Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Minas Gerais/EEUFMG (Nascimento et al., 1999, p. 75).

⁵ Depoimento concedido em 13 / 06 / 2000.

(CICIAMS).

O CICIAMS nasceu em 1928, de um encontro realizado na Suíça, por diversas enfermeiras católicas, que tinham como um de seus objetivos “estimular, em todos os países, a criação e o desenvolvimento de associações profissionais católicas a fim de assegurar apoio moral e espiritual às enfermeiras e assistentes médico-sociais católicas, bem como seu aperfeiçoamento técnico.” (Carvalho, 1976, p. 416)

Essa entidade realiza seu primeiro congresso em 1933. Após a Segunda Guerra Mundial, em 1946, o CICIAMS retomou as suas atividades e, a partir de então, os congressos passaram a ser realizados em um intervalo de quatro anos.

No Brasil, também, houve um movimento por parte das enfermeiras católicas, para formar uma entidade que as congregasse. Assim, foram criadas a União das Religiosas Enfermeiras do Brasil (UREB), em 1944, e a União Católica das Enfermeiras do Brasil (UCEB), em 1948 e, em 1947, ocorre em São Paulo, o I Congresso Nacional de Enfermeiras Religiosas. Nesse encontro recomenda-se a criação de duas escolas de ensino de enfermagem, para atender às religiosas: uma de “padrão médio” e outra superior, “que deveria funcionar na Pontifícia Universidade Católica de S. Paulo” (Carvalho, 1976, p. 417).

Em 1947, com a realização do I Congresso Nacional de Enfermagem, organizado pela ABEn, os membros da UREB participam ativamente, tendo como destaques a Irmã Mathilde Nina e Madre Maria Domineuc, esta última foi a responsável pela criação da primeira escola de enfermagem no Brasil, em São Paulo, conforme anteriormente citado.

A participação da Irmã Nina durante os primeiros anos de existência da União das Religiosas Enfermeiras do Brasil foi de grande destaque. Na sua opinião, “não deveria haver separação entre as enfermeiras leigas e as religiosas” (Carvalho, 1976, p. 418). Posteriormente, a UREB e a UCEB se filiarão ao Comitê Internacional de Enfermeiras e Assistentes Médico-Sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a evolução da enfermagem e o avanço da ciência, aliados à nova legislação, o Decreto nº 20.109/31, as Irmãs da Caridade sentiram necessidade de proporcionar meios para que as religiosas tivessem acesso ao conhecimento científico, com vistas à aquisição de suporte para o desenvolvimento das ações assistenciais e sua manutenção nos espaços hospitalares. Tal fato só poderia se concretizar se as Irmãs pudessem se inserir na educação formal.

A conquista da educação formal e a criação de uma instituição de ensino superior que alia a vida religiosa à acadêmica são apenas dois exemplos das realizações de Mathilde Nina. A atuação desta mulher se revela em vários campos da Enfermagem. Sua participação no movimento pela regulamentação da Lei nº 775/49 é notável. Tal legislação acaba por influenciar a mudança da estrutura da ABED, fazendo-a ampliar seu papel, tornando-se então ABEn. Além disso, a Irmã Nina foi membro ativo da UREB até os anos 40.

ABSTRACT: The present work is a study of social-historical nature. It has as its objective understanding the participation of Sister Mathilde Nina, as a representative of the Companhia das Filhas da Caridade (Daughters of Charity Company), in the history of the Brazilian Association of Nursing (ABEn). It discusses the association of this sister to ABEn as a way of spreading the catholic ideology. The study covers a period of time between 1939 and 1950. The primary data was collected through written documents and reports of people who were close to Mathilde Nina. The dialectic method was adopted and the discussion of the findings is based on Pierre Bourdieu's thoughts. As a consequence of the edict 20.109/31, the Sisters of Charity made their insertion in the formal education in Brazil. As the first

representative of the Company to graduate, sister Nina could perform in different instances of the nursing profession. Her participation in ABEn was a way of spreading the catholic ideology in nursing.

Keywords: the history of nursing, education of nursing, ABEn, religious education

RESUMEN: Estudio histórico-social, que busca enseñar la participación de la Hermana Mathilde Nina en el proceso histórico de la Asociación Brasileña de Enfermería (ABEn), como representante de la Compañía de las Hijas de Caridad. Objetivo: discutir la labor de la Hermana en la ABEn como forma de difusión de la influencia católica. Período investigado: de 1939 a 1950. Fuentes primarias: documentación escrita y relatos de personas que con ella convivieron. El método es dialéctico y la discusión sobre el material reunido se fundamenta en las ideas de Pierre Bourdieu. Las hermanas de Caridad realizaron, en Brasil, un movimiento de inserción en la educación formal, como consecuencia del Decreto 20.109/31. Como primera representante de la Compañía a graduarse, Hermana Nina poseía un capital que la legitimaba en las varias instancias de la enfermería. Su entrada en la ABEn representó una de las formas de difusión de la ideología católica.

PALABRAS CLAVE: enseñanza religiosa, historia de la enfermería, enseñanza de enfermería, ABEn

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, M. R. M.; BAPTISTA, S. S. *O movimento da Companhia das Filhas da Caridade em favor da criação da Escola de Enfermeiras Luiza de Marillac*. Trabalho apresentado na 4ª Jornada da História Nacional da Enfermagem. Rio de Janeiro, 2001. Não publicado.

BAPTISTA, S. S.; BARREIRA, I. A. *A luta da enfermagem por um espaço na universidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

BOURDIEU, Pierre. *O poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 313.

CASTRO, padre J. P. *Vida de Santa Luiza de Marillac*. Fundadora das Irmãs de Caridade. Petrópolis: Vozes, 1936.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. *Uma introdução à história*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1983.

CARVALHO, A. C. *Associação Brasileira de Enfermagem 1926-1976*. Documentário. Rio de Janeiro - RJ: ABEn, 1976. p. 514.

LÜDKE, M. & ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagem qualitativa*. São Paulo: E. P. U., 1986.

MINAYO, M. Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em saúde*. 3. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1994.

NUNES, M. J. R. Freiras no Brasil In: PRIORE, Mary Del. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. p. 677.

TEIXEIRA, C. L. S. Alunas religiosas na Escola de Enfermagem Anna Nery. As décadas de 20 e 40. *Revista da Escola de Enfermagem Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1/2, p. 49-65, abril/setembro 1998.